

Formalismo e funcionalismo: uma análise da complementariedade dessas correntes linguísticas

Paulo Henrique Passos de CASTRO¹

Resumo: O objeto da Linguística, independentemente do lado ou perspectiva de abordagem, não é integral. Dois programas teóricos, no entanto, têm atualmente tentado ser suficientes: o formalismo e o funcionalismo. Diante disso, este trabalho teve como objetivo mostrar o caráter de complementariedade entre essas duas correntes. Para tal empreitada, partimos do princípio de que o formalismo e o funcionalismo não são necessariamente excludentes (PEZZATI, 2005) nem irreconciliáveis (OLIVEIRA, 2005). Daí a importância de discutir a abordagem de ambas as perspectivas teóricas sobre o complexo fenômeno da língua. Metodologicamente, fizemos uma análise paralela entre os dois pontos de vista, observando tanto suas especificidades quanto o que os torna próximos em suas abordagens teóricas. Os nossos resultados apontaram que, sendo a língua um objeto de estudo heterogêneo e multifacetado (SAUSSURE, 2006; RAMOS; PRAXEDES FILHO, 2012), são necessárias teorias também diversas para que, juntas, possam ser mais abrangentes e rumem para um aspecto totalizante dos estudos linguísticos. Portanto, concluímos que um linguista, embora possa e deva assumir uma concepção de língua em seus estudos, não deve desprezar ou negar a benéfica e necessária coexistência de perspectivas teóricas diferentes e complementares.

Palavras-chave: formalismo; funcionalismo; complementariedade

Abstract: The object of linguistics, regardless of the approaching perspective, is not integral. Two theoretical programs, however, have currently tried to be enough: formalism and functionalism. Thus, this study aimed to show the character of complementarity between these two trends. For this venture, we assume that formalism and functionalism are not necessarily mutually exclusive (Pezzati, 2005) or irreconcilable (OLIVEIRA, 2005). Hence, there is importance in discussing the way both theoretical perspectives approach the complex phenomenon of language. Methodologically, we made a parallel analysis between the two views, noting both their specificities and that which make them close as for their theoretical approaches. Our results showed that, as language is a heterogeneous and multifaceted object of study (Saussure, 2006; Ramos & Praxedes Filho, 2012), there is the need for several theories equally diverse so that, together, they can be more comprehensive and lead to a totalizing aspect of linguistic studies. Therefore, we conclude that a linguist, although s/he can and must assume a conception of language in her/his studies, should not despise or deny the beneficial and necessary coexistence of different and complementary theoretical perspectives.

Keywords: formalism; functionalism; complementarity

¹ Graduado pela Universidade Federal do Ceará. ph.passus@gmail.com

Introdução

As relações entre forma e função, num sentido mais amplo, são frequentemente discutidas no dia a dia. Se na compra de um carro alguém fala, por exemplo, que prefere um com um *design* arrojado e bonito a um com vários itens adicionais, pode-se dizer que há uma preferência pelo aspecto formal do carro em detrimento das suas funcionalidades.

Nos estudos linguísticos, essa predileção por um dos aspectos (formal ou funcional) também existe.

Para darmos início às nossas reflexões sobre como essa preferência, ou como percebemos melhor, como essa insistência em preferir um dos aspectos se dá nos estudos da língua, leiamos o *Apólogo dos dois escudos*, de José Júlio da Silva Ramos:

Conhecem o apólogo do escudo de ouro e de prata?

Eu lho conto.

No tempo da cavalaria andante, dois cavaleiros armados de ponto em branco (= com cuidado, com esmero, completamente), tendo vindo de partes opostas, encontraram-se numa encruzilhada em cujo vértice se via erecta uma estátua da Vitória, a qual empunhava numa das mãos uma lança, enquanto a outra segurava um escudo. Como tivessem estacado, cada um de seu lado, exclamaram ao mesmo tempo:

- Que rico escudo de ouro!
- Que rico escudo de prata!
- Como de prata? Não vê que é de ouro?
- Como de ouro? Não vê que é de prata?
- O cavaleiro é cego.
- O cavaleiro é que não tem olhos.

Palavra puxa palavra, ei-los que arremetem um contra o outro, em combate singular, até caírem gravemente feridos. Nisto passa um dervis, que depois de os pensar com toda a caridade, inquire deles o motivo da contenda.

- É que o cavaleiro afirma que aquele escudo é de ouro.
- É que o cavaleiro afirma que aquele escudo é de prata.
- Pois, meus irmãos, observou o daroês, ambos tendes razão e nenhum a tendes. Todo esse sangue se teria poupado, se cada um de vós se tivesse dado ao incômodo de passar um momento ao lado oposto. De ora em diante nunca mais entreis em pendência sem haverdes considerado todas as faces da questão.

Com esse simples texto, podemos começar nossas reflexões sobre a divisão, e mesmo o antagonismo, que se tem construído, nos estudos

linguísticos, entre formalismo e funcionalismo. Essa cisão, embora “já tenha ganhado estatuto de verdade única, tanto que comumente a encontramos em compêndios de linguística” (OLIVEIRA, 2005, p. 225), começou a se desenvolver recentemente, na segunda metade do século XX.

O que tem acontecido, e se fortalecido desde então, é a propagação da ideia de que formalismo e funcionalismo são perspectivas teóricas excludentes e não podem conviver em um mesmo estudo.

Podemos facilmente comparar os cavaleiros do texto de José Ramos com os estudiosos da língua e o escudo observado por eles com a língua. De fato, os linguistas têm se comportado como os dois cavaleiros do apólogo, que, ao considerarem apenas um lado do objeto em questão, excluem a possibilidade da vista de outro ponto do mesmo objeto e, se tratando de linguística, “clamam a superioridade ou centralidade de sua área no estudo do objeto” língua (DILLINGER, 1991, p. 403).

Muito sangue já foi derramado – muitas páginas já foram escritas e muita saliva já foi gasta – nessa batalha de conceitos em que cada teórico busca com todo o fervor defender um ou outro ponto de vista, uma ou outra teoria, em detrimento de todas as demais.

Pretendemos aqui ser o dervis da história. Como afirma Oliveira (2005, p. 229), não vemos necessidade de os teóricos de cada um dos lados terem que abandonar suas “metafísicas”, mas consideramos que, de acordo com Saussure (2006, p. 16), o objeto da Linguística não se mostra integralmente, independentemente do lado ou perspectiva de abordagem feita diante da questão da língua. E embora dois programas teóricos – o formalismo e o funcionalismo – venham, através dos seus estudiosos, tentando ser suficientes na descrição e análise da língua, nosso objetivo é mostrar o caráter de complementariedade entre essas duas grandes correntes, partindo do princípio de que elas não são necessariamente excludentes (PEZZATI, 2005) nem irreconciliáveis (OLIVEIRA, 2005).

Daí a importância da discussão de ambas as abordagens teóricas sobre o complexo objeto da língua, a partir da qual fizemos uma análise

paralela entre os dois pontos de vista, observando tanto suas especificidades quanto o que os torna próximos em suas abordagens teóricas.

Distâncias entre formalismo e funcionalismo

Como já foi dito acima, é recente – data da segunda metade do século XX – a polarização dentro do pensamento linguístico entre

o funcionalismo, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel preponderante, e formalismo, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários (NEVES, 1997, p. 39).

O fato de ser recente não impediu o fortalecimento dessa divisão, fazendo com que hoje, nos estudos linguísticos, a escolha do ponto de vista formalista geralmente acarrete a exclusão das considerações funcionalistas, e vice-versa. Como bem afirma Oliveira,

na linguística atual, a diferença entre os programas teóricos gerativistas (identificado a formalista) e funcionalista tem sido tratada como uma questão sem posições intermediárias (apesar de vozes dissonantes), como se o antagonismo fosse de tal grandeza que um linguista não pudesse ser ao mesmo tempo e sem contradição funcionalista e formalista. (OLIVEIRA, 2005, pp. 224-225)

Vejamos, então, o que torna essas duas correntes teóricas tão diferentes.

O formalismo estuda a chamada língua internalizada ou individual (língua-I), desenvolvida geneticamente, de dentro do indivíduo para fora (OLIVEIRA, 2005, p. 227). O formalismo defende a autonomia da língua e, conseqüentemente, da sintaxe, a qual, independente da semântica e da pragmática, tendo um funcionamento próprio e “gera sentenças bem formadas” (OLIVEIRA, 2005, p. 225).

O funcionalismo se dedica a estudar a chamada língua externa (língua-E), desenvolvida socialmente, de fora do indivíduo para dentro. Os funcionalistas defendem as hipóteses de que as formas linguísticas não

são autônomas, pois derivam dos processos reais de comunicação, e de que “a estrutura gramatical depende das regularidades das situações de fala” (VOTRE; NARO, 1989 *apud* PEZATTI, 2005. p. 174). Assim, na visão desses autores, “explicam-se os fatos linguísticos através de fatores não linguísticos” (op. cit.).

Em outras palavras, no formalismo destacam-se a caracterização dos constituintes internos à língua e as relações entre eles, sem haver uma preocupação “tanto com as relações entre esses constituintes e seus significados ou entre a língua e seu meio” (DILLINGER, 1991, p. 397). Disso decorre concepções de língua como “um conjunto de frases”, “um sistema de sons” ou “um sistema de signos”. Já no funcionalismo é dado destaque às relações entre as formas linguísticas e os diversos modos de interação social, frisando-se “a importância do papel do contexto, em particular o contexto social na compreensão da natureza das línguas” (DILLINGER, 1991, p. 400). Disso decorre uma concepção de língua como um instrumento de interação social.

Na análise linguística desenvolvida pelos formalistas, estes se dedicam a observar e descrever a gramática no sentido de “conjunto de regras que definem o funcionamento [interno] de uma língua (gramática do português; gramática do inglês etc.)” (RAMOS; PRAXEDES FILHO, 2012, p. 135) Essa análise formalista, pelo menos no que se refere aos fenômenos estudados, se aproxima da gramática tradicional e dá continuidade a ela, visto que é dado enfoque à forma linguística e a seus subdomínios ou níveis: fonética, fonologia, morfologia e sintaxe (DILLINGER, 1991, p. 397) (Ver Quadro 1).

Na análise linguística feita pelos funcionalistas, estes se dedicam a analisar como as necessidades sociais e os objetivos comunicativos das diversas comunidades de fala interferem na construção sintática, por exemplo. “O compromisso principal do enfoque funcionalista é descrever a linguagem não como um fim em si mesmo, mas como um requisito pragmático da interação verbal” (DIK, 1989, *apud* PEZATTI, 2005, p. 168). Assim, outros subdomínios são considerados, como a entonação, a

gramática, que “inclui o conhecimento que a comunidade tem de como os processos e seus participantes são organizados (por exemplo, se uma Ação tem um Iniciador)” (NEVES, 1997, p. 43) e o discurso, em que se inclui “gestos, expressões faciais, manifestações emocionais e outros” (*idem*) (Ver Quadro 1).

Estes subdomínios [do funcionalismo] estão relacionados não pelo tamanho e pela constituição, mas por funções mutuamente controladas, como as curvas de entonação que são típicas de certos padrões gramaticais em certos domínios do discurso (por exemplo, discursos políticos). (NEVES, 1997, p. 43)

Formalismo	Funcionalismo
fonemas	entonação - prosódia
morfemas	gramática
palavras – lexemas	discurso
sintagmas – sintagmemas	

Quadro 1: Subdomínios do Formalismo e do Funcionalismo (R. de Beaugrande, 1993, cap. I, p. 19. Adaptação de M. H. M. Neves)

E ainda como nos mostra Neves, comparando as bases epistemológicas das duas correntes,

para Halliday (1985, pp. xxviii-xxix), as gramáticas formais se opõem às funcionais porque, assentadas na lógica e na filosofia, têm uma orientação primariamente sintagmática. As funcionais, por seu lado, assentadas na retórica e na etnografia, são primariamente paradigmáticas. (NEVES, 1997, p. 47)²

A fim de resumir o que foi dito até aqui e acrescentar outros pontos importantes na distinção dessas duas correntes teóricas, e considerando que “parece haver consenso entre os historiadores da linguística de que

² O termo ‘gramática’, aqui, está no sentido de “perspectiva de estudo dos fatos da língua (gramática estruturalista, gramática gerativa, gramática funcionalista, gramática tradicional)” (RAMOS; PRAXEDES FILHO, 2012, p. 137). É o que Halliday (2002 [1996], p. 386 - 391) chama de *grammatics* – teoria adotada para interpretar os fenômenos linguísticos – que se diferencia de *grammar* – um dos estratos que, junto com a semântica e a com a fonologia, compõe a língua (RAMOS; PRAXEDES FILHO, 2012, p. 141).

(...) este impasse (...) se sintetiza no desacordo sobre a autonomia da sintaxe” (OLIVEIRA, 2005, p. 225), trazemos a contraposição feita por Dik (1978) entre o paradigma formal (PFO) e o paradigma funcional (PFU) (Ver Quadro 2). “O termo paradigma é proposto para designar cada conjunto de crenças e hipóteses em interação” (NEVES, 1997, p. 43).

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
Principal função da língua	Expressão de pensamentos.	Comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se com uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não-	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado

	estruturado de dados.	no contexto natural.
Universais linguísticos	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relações entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Quadro 2: Resumo dos paradigmas formal e funcional (S. Dik, 1978: 5, retomado e explicitado em 1989^a: 2-7. Adaptação de M. H. M. Neves (1994c))

Tendo visto as principais diferenças entre os pontos de vista formalista e funcionalista, vejamos, agora, como essas perspectivas teóricas, apesar das suas diferenças (ou devido a elas), podem ser complementares.

Complementariedades entre formalismo e funcionalismo

Uma descrição puramente exterior das funções linguísticas, que não esteja baseada na análise da estrutura linguística, não responderá à pergunta [por que a língua é como é?]; não podemos explicar a língua com simplesmente arrolando seus usos, e um arrolamento que poderia, de qualquer modo, ser prolongado indefinidamente. (...) Ao mesmo tempo, uma abordagem da estrutura linguística que não considere as demandas que fazemos da língua carece de perspicácia, uma vez que não oferece

princípios para explicar por que a estrutura da língua está organizada de um modo e não de outro (HALLIDAY, 1976, 135).³

Embora logo em seguida, no mesmo texto, Halliday admita que considera a língua de acordo com seu uso, percebemos que ele tem plena consciência de que um estudo unidirecional e excludente prejudica o entendimento e a apreensão do que seja o objeto língua.

Chomsky (1984, *apud* DILLINGER, 1991, p. 397) faz o mesmo caminho de pensamento, mas em sentido oposto, admitindo a língua de acordo com a sua forma:

Ao mesmo tempo em que ele [Chomsky] reconhece a importância de teorias do uso e do significado para uma teoria da língua, parece acreditar que a melhor estratégia é estudar as características estruturais das línguas para depois relacioná-las ao significado e a seu uso. (DILLINGER, 1991, p. 397)

Mas o próprio Dillinger faz uma sábia observação:

³ Texto-fonte:

Por que a linguagem [verbal] é como é? Sua natureza relaciona-se diretamente às demandas que lhe fazemos, às funções a que ela se presta. Em termos mais concretos, essas funções são específicas de cada cultura: o uso da linguagem [verbal] nas Ilhas Trobriand, como meio de organizar expedições de pesca – uso descrito por Malinowski há meio século atrás – não tem similar em nossa sociedade. Mas, subjacente a tais exemplos específicos do uso da linguagem [verbal], há funções mais gerais, comuns a todas as culturas. Nem todos vamos a expedições de pesca; entretanto, todos usamos a linguagem [verbal] como meio de organizar outras pessoas e dirigir-lhe a conduta.

Uma descrição puramente exterior das funções linguísticas, que não esteja baseada na análise da estrutura linguística, não responderá à pergunta [por que a língua é como é?]; não podemos explicar a língua com simplesmente arrolando seus usos, e um arrolamento que poderia, de qualquer modo, ser prolongado indefinidamente. A explicação etnográfica de Malinowski das funções da linguagem, baseadas na distinção entre “função pragmática” e “função mágica”, ou a bem conhecida divisão tripartite de Bühler, em funções “representativa”, “expressiva” e “conativa”, mostram que é possível generalizar; mas essas generalizações orientam-se para pesquisas sociológicas ou psicológicas, e não pretendem, basicamente, esclarecer a natureza da estrutura linguística. Ao mesmo tempo, uma abordagem da estrutura linguística que não considere as demandas que fazemos da língua carece de perspicácia, uma vez que não oferece princípios para explicar por que a estrutura da língua está organizada de um modo e não de outro.

Por essa razão, consideramos aqui a linguagem [verbal] de acordo com seu uso. As preocupações estruturais têm sido dominantes há algum tempo em Linguística; mas a utilidade de uma síntese dos enfoques estrutural e funcional de há muito se evidenciou desde os trabalhos dos linguistas de Praga (Vachek, 1966), que desenvolveram as ideias de Bühler, especialmente no que se refere ao estudo da gramática. A forma particular assumida pelo sistema gramatical da linguagem [verbal] está relacionada de perto com as necessidades sociais e pessoais que ela é chamada a atender. Mas, pôr de manifesto esse fato, cumpre examinar, ao mesmo tempo, o sistema da linguagem e as suas funções; por outro lado, necessitaremos de alguma base teórica para generalizações sobre a maneira como a linguagem é usada.

(...)

É importante ressaltar que, a priori, não há razão para começar com as características estruturais e a partir delas estudar o significado e o uso, assim como não há razão para adotar uma estratégia contrária. A decisão se faz com base na intuição de cada pesquisador de qual opção será mais profícua. (DILLINGER, 1991, p. 397-398)

Vale dizer que aqui não fazemos a distinção metodológica entre o que seja língua (*langue*) e fala (*parole*) como o faz Saussure (2006, p. 17) a fim de determinar um objeto para a Linguística (a língua), dizendo ser a primeira um todo por si e a segunda multiforme e heteróclita. Também não distinguimos entre o observável e o não-observável, assim como fizeram os linguistas seguidores da filosofia positivista, que atribuíram a primeira característica à forma e a segunda ao uso e ao significado, a fim de conferir à Linguística um *status* de ciência ao estudar o observável (DILLINGER, 1991, p. 396). Como nos diz Oliveira (2005, p. 222), “talvez mais do que outros objetos teóricos, ela [a linguagem verbal humana] é natural e humana simultaneamente (como a luz é matéria e energia)”. E hoje sabemos que o corte entre observável e não-observável já não é válido, visto que os usos linguísticos e os seus significados são sistematicamente estudados e descritos por áreas como Sociolinguística, Semântica e Análise do Discurso.

Assim, definida mais claramente a nossa perspectiva, perceptivelmente mais moderada em relação aos antagonismos construídos ao longo da história da ciência linguística, podemos reforçar a nossa posição de que as perspectivas teóricas formalista e funcionalista não são alternativas. Afinal, considerá-las desse modo

implica que uma exclui a outra. Cabe ressaltar, porém, que tanto o formalismo quanto o funcionalismo padecem de males sérios para serem adotados como abordagens únicas. A [perspectiva teórica] funcionalista é adequada, detalhada ou interessante à medida em que as teorias de comunicação e de interação social em que se baseia o são. (...) A [perspectiva teórica] formalista, pelo contrário, tem o respaldo de uma longa tradição e independe dos progressos em outras áreas. Se isto permite que suas colocações sejam mais precisas, também significa que não se sabe até que ponto serão úteis quando chegar a hora de integrar a teoria das estruturas linguísticas àquela de seu uso. (DILLINGER, 1991, p. 402)

Além disso, no debate travado entre Votre e Naro (1989) e Nascimento (1990), este, ao contrário dos primeiros, não considera válida a distinção entre formalismo e funcionalismo “e rejeita a necessidade de escolher entre um e outro já que estudariam ‘objetos diferentes’” (DILLINGER, 1991, p. 395). Pezzati (2005) e Dillinger (1991) ainda aperfeiçoam esse posicionamento ao dizerem que, na verdade, as duas correntes teóricas não estudam objetos diferentes, mas apenas escolhem aspectos ou fenômenos diferentes do mesmo objeto. Isso já seria o suficiente para acreditarmos que é salutar a soma de teorias ou pontos de vista em relação a um dado objeto a fim de conhecê-lo cada vez mais e melhor.

Mas para tornar ainda mais clara a complementariedade entre as duas maiores correntes dos estudos linguísticos, Dillinger faz uma comparação entre o fazer científico e o relatório de avaliação de duas equipes da revista Quatro Rodas:

Por exemplo, digamos que a revista Quatro Rodas receba um carro novo para avaliar. Uma equipe vai desmontar o motor, a direção, os freios etc., para determinar a estrutura de suas partes: que tipo de motor tem, como é acoplado aos eixos etc. Outra equipe leva o carro inteiro à pista de provas para determinar suas características de aceleração, de freiagem, estabilidade etc. – sua interação com o contexto (a pista, o ar), fenômenos nitidamente diferentes envolvendo um mesmo objeto. (DILLINGER, 1991, p. 401)

A melhor avaliação do carro seria com a junção dos dois relatórios. Da mesma forma, nos estudos linguísticos, a junção do enfoque funcionalista com o formalista seria o melhor na descrição do complexo objeto que é a língua.

Por fim, vale lembrar que, embora em Linguística se insista na fragmentação excludente dos aspectos do objeto de estudo, fazendo surgir inúmeros antagonismos, tais quais

formalismo x funcionalismo (Votre e Naro, 1989; MacWhinney, 1986; Dik, 1978), o estudo da Língua-I x da Língua-E

(Nascimento, 1990; Chomsky, 1984), o estudo da linguagem [verbal] como produto x como processo (Derwing, 1979), como fenômeno social x fenômeno individual, como fenômeno sincrônico x fenômeno diacrônico, teoria da linguagem x teoria da literatura, etc (DILLINGER, 1991, p. 404)[,]

há teorias, mais recentes, que pretendem ser mais abrangentes e até mesmo totalizantes. É o caso, apenas para citar, da gramática categorial, “em que se postula um processamento paralelo de sintaxe e semântica” (OLIVEIRA, 2005, p. 230) e da Linguística Sistêmico-Funcional, “teoria de base social que inclui o ponto de vista cognitivo” (RAMOS; PRAXEDES FILHO, 2012, p. 140). Essas teorias, na pretensão de serem mais abrangentes, contribuem para uma visão mais ampla do que seja a língua, embora não devamos concebê-las como suficientes.

Conclusão

Esperamos que, com este trabalho, tenha sido possível perceber mais claramente que, sendo a língua um objeto de estudo heterogêneo e multifacetado (SAUSSURE, 2006; RAMOS; PRAXEDES FILHO, 2012), são necessárias teorias também diversas para que, juntas, possam ser mais abrangentes e rumem para um aspecto totalizante dos estudos linguísticos. Portanto, concluímos que um linguista, embora possa e deva assumir uma concepção de língua em seus estudos, não deve desprezar ou negar a benéfica e necessária coexistência de perspectivas teóricas diferentes e complementares.

Referências

- DILLINGER, Mike. Forma e função na linguística. **D.E.L.T.A.**, s/l, Vol. 1, n 1, p. 395-407, 1991.
- HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John (org.) **Novos horizontes em linguística**. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976. cap. 7, p. 134-160.

NEVES, M. H. M. As duas grandes correntes do pensamento linguístico: funcionalismo e formalismo In: _____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. cap. 3, p. 39-53.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: BENTES, A. C., MUSSALIM. F. (Org.). **Introdução à linguística** – fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez Editora, 2004, Vol. 3, 2 ed. cap. 6, p. 219-250.

PEZZATI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: BENTES, A. C., MUSSALIM. F. (Org.). **Introdução à linguística** – fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez Editora, 2004, Vol. 3, 2 ed. cap. 5, p. 165-218.

RAMOS, R., PRAXEDES FILHO, P. H. L. Gramática: fazer, saber ou saber-fazer? – o papel da gramática no desenvolvimento da língua. In: I ENCONTRO SOBRE GRAMÁTICA: SABERES E FAZERES. Vol. 1, n 1, Fortaleza, 2012. p. 132-151

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. - 27 ed. - São Paulo: Cultrix, 2006